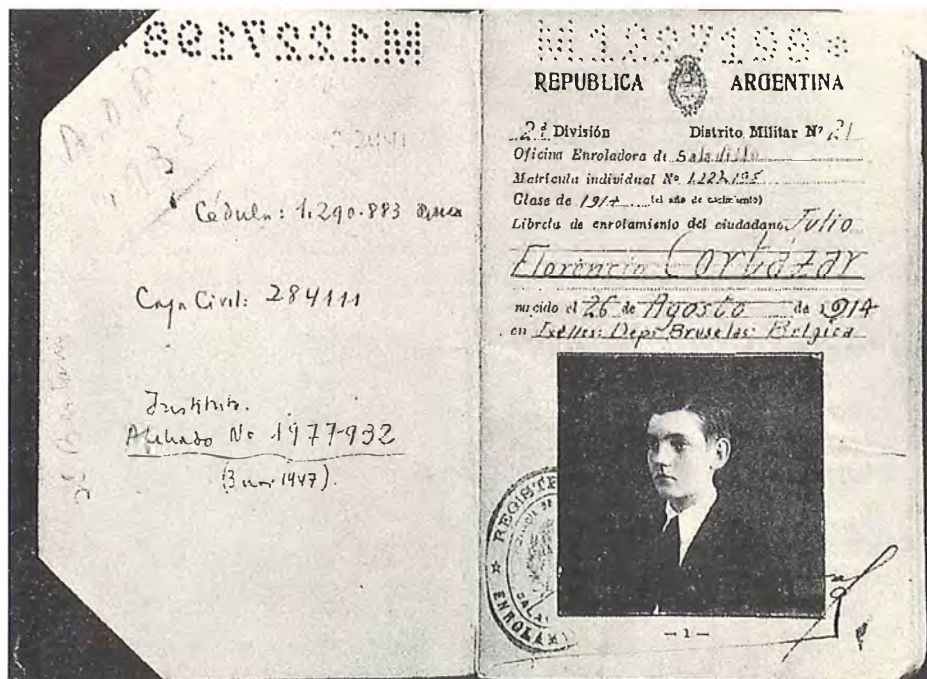


Lembrando Cortázar

Cristina Norton

Julio Florencio Cortázar nasce em Agosto de 1914, em Bruxelas, nos primeiros dias da ocupação alemã.



A sua vida

JULIO FLORENCIO CORTÁZAR NASCE EM MEADOS DE Agosto de 1914, sendo, como dizia ele, um produto do turismo e da diplomacia. O pai tinha sido incorporado numa missão comercial da legação argentina na Bélgica e, recém casado, levou a mulher a Bruxelas. Calha-lhe aparecer neste mundo nos primeiros dias da ocupação alemã, no começo da Primeira Guerra Mundial chamada ironicamente nessa altura «la der des der» (a última das últimas). Tem quase quatro anos quando a sua família consegue voltar para a Argentina. Fala quase sempre em francês e dessa língua ficou-lhe a maneira de pronunciar os «r» da qual nunca se conseguiu livrar. Cresce em Bansfield, povoação suburbana de Buenos Aires, numa moradia com jardim cheia de gatos, cães, tartarugas e periquitos, em suma o paraíso.

Só que nesse paraíso ele era o Adão, no sentido em que não conservava uma lembrança feliz da sua infância. Demasiada criadagem, uma sensibilidade excessiva, uma tristeza frequente, asma, braços partidos, os primeiros amores desesperados.

Acaba os seus estudos secundários em Buenos Aires em 1932 e forma-se em Literatura em 1935. Os seus primeiros trabalhos foram em liceus de povoações e cidades de campo, viajando a Mendoza em 1944, onde pede a demissão no ano seguinte devido ao fracasso do movimento antiperonista em que andava metido e volta para a capital.

Assim se define numa carta enviada a uma amiga e datada de Novembro 1963 «Levava quase dez anos a escrever sem publicar nada ou quase nada (um livrinho de sonetos, um conto). Do ano 46 até o 51 levei uma vida “portenha” egoistamente solitária e independente, convencido de ser um solteirão irredutível, amigo de pouca gente, melômano, leitor a tempo inteiro, apaixonado de cinema, burguezinho cego a tudo o que acontecia além da esfera do estético. Tradutor

público nacional. Grande ofício para uma vida como a minha nessa época».

Em 1951 vai para Paris com uma bolsa, começa a trabalhar como tradutor para a Unesco e publica o livro *Bestiário*, em Buenos Aires. Dois anos depois casa com Aurora Bernárdez, também argentina e tradutora. Depois do primeiro livro, continua a publicar contos e a fazer traduções até que em 1959 aparece a sua primeira novela *Los premios*. Em 1963 vai a Cuba e apoia a revolução de Fidel Castro. Separado de Aurora Bernárdez, conhece a que viria a ser a sua segunda mulher, Ugné Carvelis, lituana, editora da Gallimard e com quem vive dez anos. Em 1979 casa com Carol Dunlop, canadiana e escritora. Ambos são a favor da revolução sandinista. Em 1981 é internado com uma hemorragia gástrica e diagnosticam-lhe leucemia. No ano seguinte morre a sua mulher e, depois de uma última visita à mãe em Buenos Aires, morre em Paris no dia 12 de Fevereiro de 1984. No seu enterro, alguns amigos íntimos, vários deles argentinos, e um representante do governo francês.

Assim poderíamos resumir a vida de Julio Cortázar. Mas além da sua escolha política tardia, das suas mulheres, dos gatos e da escrita, tinha outras coisas que o tornavam diferente. Lembro-me de me cruzar com ele por duas vezes em Paris. A primeira, atravessando o Jardim de Luxemburgo a passos largos, pareceu-me um par de pernas infundáveis com uma cabeça infantil no topo. A segunda vez que o vi, perto da Rue de Rennes, onde muito tempo depois soube que ele vivia, passou junto a mim e não me atrevi a falar-lhe, tal era a admiração que senti pelo autor dos contos que marcaram a minha juventude e também pela confusão que me fez a sua cara de criança velha, como quem vive fora do tempo, ou demasiado lentamente como para envelhecer sem pressas, ou tão rapidamente que as rugas aparecem sem terem mudado ainda os traços adolescentes. Havia algo nele que afasta-

va as pessoas. Não era antipatia, era mais um pedido de não ser perturbado nas suas deambulações, de não baterem na porta do seu mundo sem serem convidados. E Cortázar não convidava muito, mas nunca fechou a porta a quem lhe tivesse tocado à campainha.

Amigos teve muitos, daqueles com quem se partilha o dia a dia, e teve outros como o escritor Adolfo Bioy Casares cuja amizade foi feita de poucos encontros, só três, de algumas cartas e principalmente de muitos pontos em comum e de uma admiração mútua. Tinham nascido no mesmo ano e eram ambos do signo Virgem. Partilhavam o gosto pelo boxe, acreditavam no azar, sonhavam histórias que depois escreveram, amaram o lado fantástico da vida e transformaram essa magia em literatura.

Uniam-nos também contos parecidos, o que já por si é uma afinidade. Escreveram, sem saber, o mesmo conto. No livro do Julio, *Final del juego*, aparece o conto *La puerta condenada* e no *El lado de la sombra* Casares inclui um relato chamado *Un viaje o el mago imortal* que são praticamente iguais. Nenhum dos dois se sentiu plagiado ou desapontado. Cortázar definiu o inexplicável como *uma mensagem indecifrável, uma terceira vontade*. Bioy preferiu falar em *coincidência*. Os mesmos sentimentos, iguais atitudes, as personagens passeiam, maçam-se, detestam a rotina profissional, esmaga-os o cinzento da cidade. Ambos os protagonistas chegam a um hotel no Uruguai e não conseguem adormecer porque nos quartos contíguos ouvem-se barulhos, as ideias que tiveram para o final foram idênticas.

Os dois autores sempre acreditaram que fosse possível um episódio literário como esse, assim o diz uma personagem de Casares no conto: *«declaro que não acredito nos magos, com ou sem chapéu, mas sim na magia do mundo»*.

Numa das facetas de Cortázar havia qualquer coisa de lúdico, acreditava que quando



Em 1951, Cortázar radica-se em Paris onde desenvolve uma obra literária única que o tornou num dos escritores argentinos mais importantes de todos os tempos.

duas pessoas tinham de encontrar-se não precisavam de cartas nem de telefonemas. Alguma coisa se encarregava de as reunir, o que lhe acontecia amiúde, considerando-o um facto fantástico e não uma pura causalidade. Para ele tudo isso eram signos, indícios dum sistema de leis exterior ao nosso e só quem possuísse uma certa permeabilidade, poderia sentir e, acima de tudo, viver essa experiência.

A título de exemplo fica o encontro numa esquina de Paris com uma amiga que anos antes o tinha inspirado para a sua personagem da Maga na *Rayuela* e que já não vivia em França. E não foi numa esquina qualquer, foi numa que é descrita numa novela sua e onde acontece um episódio muito importante.

Falava sempre pausadamente, expressava-se com clareza, não havia muita distância entre a sua linguagem oral e a escrita. Era metódico para escrever, tomava apontamentos e escrevia muito, com uma aplicação mais ou menos regular. Precisava de tempo para escre-

ver um livro; *Rayuela*, por exemplo, foi escrito em dois anos. Para se inspirar andava muito a pé pelas ruas de Paris, sempre atento aos «sinais». Costumava dizer que a cidade estava cheia de mensagens e encruzilhadas, de cruzamentos e simbioses estranhas e ele seguia essas pistas.

Era muito crítico e ao mesmo tempo muito lúcido em relação ao que escrevia, guardou uma grande quantidade de manuscritos porque fazia uma selecção severa antes de os mandar ao editor. Tinha uma certeza literária invejável e muito orgulho nos seus contos. No entanto, dizia que dedicava mais tempo à música clássica e ao jazz — tocava piano e saxofone — do que à literatura porque não queria ser como a maioria dos escritores, ignorantes em matéria de música e pintura por se considerarem pessoas da palavra.

Para ele a literatura não era só uma vocação, era também uma facilidade da qual não precisava de se gabar por ser uma coisa que lhe fora dada sendo ainda muito jovem, na altura em que chegou ao mundo literário rindo-se da solenidade que reinava entre os escritores argentinos da época, dos quais só resgatava o humor dum Arlt, Borges ou Bioy Casares.

A sua vertente lúdica aparece nos títulos que evocam o jogo e até na ordem que escolheu para publicar os contos completos: jogos, ritos e passagens. Categorias que não se excluem entre si porque para Cortázar o jogo era sempre um rito de passagem. Joga também com as palavras inventando uma linguagem chamada glíglico para duas das suas personagens.

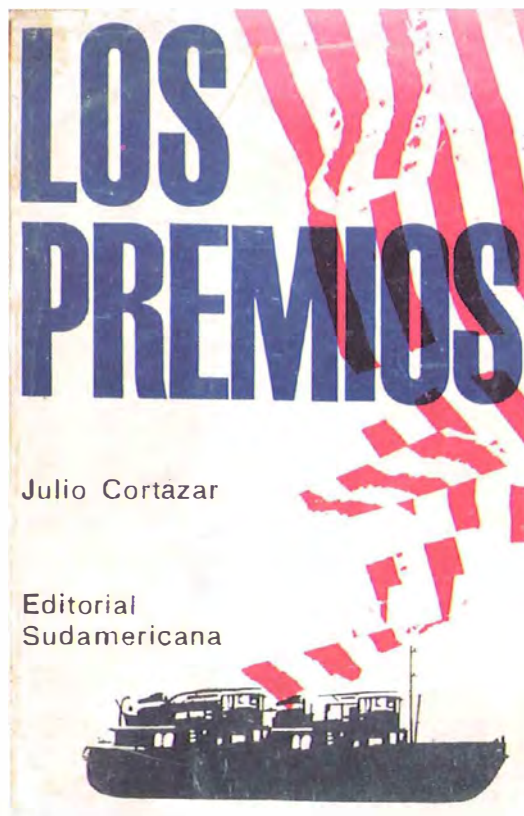
Alguns dos contos do *Bestiário*, o seu primeiro livro de contos, foram autoterapias de tipo psicanalítico. Diz o autor que os escreveu sob o efeito de sintomas neuróticos que o transtornavam sem chegar ao ponto de ver-se obrigado a consultar um psicanalista. Um deles, *Circe*, foi escrito quando tinha acabado de se formar de

tradutor oficial — curso que demorava três anos e que ele acabou em seis meses — tendo estudado demasiado, o que lhe provocou um desequilíbrio psíquico. Nessa época vivia com a mãe, que cozinhava muito bem, e era geralmente com deleite que se sentava à mesa. Começou a notar que cada vez que levava o garfo à boca, olhava cuidadosamente a comida, receando que tivesse caído uma mosca. Esse hábito repetia-se duma maneira pouco saudável. Uma noite, voltando do trabalho, teve a sensação nítida de que qualquer coisa estava a acontecer em Buenos Aires com uma mulher muito bonita, odiada por toda a gente porque dois dos seus antigos namorados se tinham suicidado. Escreveu o conto e alguns dias mais tarde descobriu que comia sem a menor desconfiança. Esse conto foi um exor-

cismo porque o curou do temor de encontrar uma barata na comida.

Cortázar dizia que as palavras tinham o poder de o fascinar. Havia palavras das quais gostava, outras que não, as que tinham um certo desenho, uma certa cor. Durante a sua infância passava longas temporadas na cama, doente com asma e pleurisia, e escrevia com o dedo palavras na parede. Havia certos nomes próprios que tinham um valor mágico para ele, dividia-os em sílabas e as palavras ficavam desenhadas no ar. *«Foi nesse momento que comecei a brincar com as palavras, a desvinculá-las cada vez mais da sua utilidade pragmática e então descobri os palíndromos [ex: ama, lê-se igualmente da esquerda à direita e da direita à esquerda], que depois se fizeram notar nos meus livros»*, referiu numa entrevista.

Para inspirar-se andava muito a pé pelas ruas de Paris sempre atento aos «sinais». Costumava dizer que a cidade estava cheia de mensagens e encruzilhadas, de cruzamentos e simbioses estranhas e ele seguia essas pistas.
Fotografia de Céu Guarda.



Em 1951 publica o primeiro livro de contos, *Bestiário*, e em 1959 o primeiro romance *Los Premios*.



Como conselho aos jovens escritores que têm uma certa dificuldade em escrever, disse uma vez que *«o melhor que tinham a fazer era deixarem a escrita de lado por algum tempo e dedicarem-se a traduzir boa literatura. Quando uma pessoa não tem a responsabilidade do conteúdo do original, o seu problema não são as ideias de autor; porque outro já as pôs ali. O que tem de fazer é trasladá-los e, então, os valores formais e os rítmicos que sente latejar no original, passam a primeiro plano, transformando-se assim num extraordinário exercício que os ajudará a escrever com uma desenvoltura que não tinham antes»*.

Publicou vários livros de contos, poucos de poesia e alguns romances. Um dos seus amigos, pintor, opinou que a passagem do conto para o romance não foi feliz, porque faltavam-lhe os elementos que fazem dum escritor um novelista. O que não era uma crítica. Borges nunca escreveu uma novela e era um esplêndido contista.

Sobre a poesia referiu um dia que *«As primeiras obras da humanidade foram poéticas. Os primeiros textos filosóficos são poemas. À prosa chega-se depois, porque no princípio, tanto na criança como no homem primitivo, a inteligência funciona com base em analogias, mecanismos mágicos, princípios animistas.[...] Provavelmente quase todas as crianças seriam poetas ou pintores se não existisse a maldita instrução primária. Quando os obrigam a desenhar a maçã, acabam com a imaginação da criança. [...] Com a escrita acontece exactamente o mesmo. As primeiras coisas que uma criança conta são pura poesia; as crianças vivem num mundo de metáforas, de aceitações, de permeabilidade [...]»*.

Transcrevo algumas linhas do poema «La patria» em *Razones de la cólera* de 1951:

*Esa tierra sobre los ojos
 este paño pegajoso, negro de estrellas impasibles, esta noche continua, esta distancia.
 Te quiero, país tirado más abajo del mar; pez y panza arriba
 sobre sombra de país, lleno de vientos,
 de monumentos y espamentos,
 de orgullo sin objeto, sujeto para asaltos, [...]
 Te quiero, país desnudo que sueña con un smoking,
 vicecampeón del mundo en cualquier cosa, en lo que salga,
 tercera posición, energía nuclear; justicialismo, vacas,
 tango, coraje, puños, viveza y elegancia.
 Tan triste en lo más hondo del grito, tan golpeado
 en lo mejor de la garufa, tan garifo a la hora de la autopsia.
 Pero te quiero, país de barro, y otros te quieren, y algo
 saldrá de este sentir. Hoy es distancia, fuga,
 no te metás, que vachaché, dale que va, paciencia.
 La tierra entre los dedos, la basura en los ojos,
 ser argentino es estar triste,
 ser argentino es estar lejos.
 Y no decir: mañana,
 poraue ya basta con ser flojo ahora.
 Tapándome la cara
 (el poncho te lo dejo, folklorista infeliz).
 Me acuerdo de una estrella en plano campo,
 me acuerdo de un amanecer de puna,
 de Tilcara de tarde, de Paraná fragante,
 de Tupungato arisca, de un vuelo de flamencos
 quebrando un horizonte de bañados.
 Te quiero, país, pañuelo sucio, con tus calles
 cubiertas de papeles peronistas, te quiero,
 sin esperanza y sin perdón, sin vuelta y sin derecho,
 nada más que de lejos y amargado y de noche.*

Cortázar dizia que as palavras tinham o poder de o fascinar (...). Quando não encontrava as palavras inventava-as com genialidade, como em *Rayuela*, onde um capítulo é escrito em gílgico, a língua inventada por Horácio e Maga.

C ^{JULIO} R
 CORTÁZAR



Rayuela

ALFAGUARA

BIBLIOTECA CORTÁZAR

Outro dos grandes amigos de Julio Cortázar foi o Juan Tata Cedrón, cantor, guitarrista, compositor e director de um já quase mítico quarteto de tango. Em Paris partilhava com toda a família Cedrón o exílio, a militância e a arte, além das empadas e vinho. No livro *Un tal Lucas* fala sobre essas experiências. Juntos editam um disco em 1980: *Trottoirs de Buenos Aires*; num dos tangos, escreve: «*A mí me tocó un día irme muy lejos / pero no me olvidé de las veredas. / Aquí o allá las siento en los tamangos / como la fiel caricia de mi tierra. / Cuando andaré por ahí hasta que pueda / volver a verlas*».

Também escreveu para o músico Juan José Mosalini, a letra do tango «*Buenas noches, che bandoneón*»

*Que bueno verte bien
y en buenas manos.
No se me ponga modesto don fuelle.
Hágame escuchar su música,
mientras yo lo acompaño
con vino y tabaco,
y tantas nostalgias,
todo eso que lleva
los muchos nombres que tiene.
Porque usted se llama Ciriaco Ortiz,
se llama Federico, se llama Laurenz,
se llama Piazzolla, se llama Pichuco,
se llama tantos otros,
y esta noche,
se llama Juan José Mosalini.
Ya ve si lo conozco.
Respire a fondo y dele.
Cuénteme,
cuénteme ese Buenos Aires
tan lejano para mí.
Cuénteme de mi propia vida,
de pibe y de muchacho.
Y gracias, che bandoneón.*

Era amigo de Pablo Neruda e gostavam de conversar sobre viagens, literatura e recordações enquanto passeavam pelos arredores do velho castelo que o poeta tinha comprado na Normandia com o dinheiro do Premio Nobel que recebera em 1971. Desde que adoecera, passava lá todos os fins-de-semana porque acreditava nas virtudes vivificantes do ar puro, coisa que não havia na Embaixada chilena em Paris, que ele considerava um mausoléu. Admiravam-se mutuamente. Para Cortázar, Neruda tinha sido o iniciador da sua literatura. O poeta chileno dizia que Julio era uma das pessoas mais encantadoras e cordiais que tinha conhecido, e descreve-o assim no seu livro *Fim do Mundo*:

*Canta Cortázar su novena
de imponente sombra argentina
en su iglesia de desterrado
y es difícil para los muchos
el espejo de este lenguaje
que se pasea por los días
cargado de besos veloces
escurriéndose como peces
para brillar sin fin sin par
en Cortázar; el pescador;
que pesca los escalofríos.*

Jorge Luis Borges conta numa entrevista a primeira vez que viu Cortázar quando era secretário de redacção duma revista quase clandestina, no ano de 1944, em que a maioria das editoras eram perseguidas pelo governo de Perón.

«Uma tarde, visitou-nos um rapaz muito alto com um manuscrito. Não me lembro da sua cara, a cegueira é cúmplice do esquecimento. Disse-me que trazia um conto fantástico e solicitava a minha opinião. Pedi-lhe para voltar daí a dez dias. Voltou antes do prazo previsto. Disse-lhe que tinha duas notícias. Uma que o manuscrito estava a ser impresso, outra que ia ser ilustrado

pela minha irmã Norah a quem o conto tinha impressionado muito. Chamava-se Casa Tomada. Anos mais tarde, em Paris, Cortázar lembrou-me o antigo episódio e confessou-me que era a primeira vez que tinha visto um texto seu em letras de imprensa. Essa circunstância honra-me».

A segunda vez que o escritor se refere a ele, fala da sua atitude política:

«Julio Cortázar tem sido condenado, ou aprovado, pelas suas opiniões políticas. Entendo que, fora da ética, as opiniões de um homem costumam ser superficiais e efémeras».

Em Outubro de 1968, Cortázar escreve numa carta enviada a um amigo *«Borges deu uma conferencia em Córdoba sobre Literatura contemporânea na América latina. Falou de mim como um grande escritor mas disse também que nunca poderia ter uma relação de amizade comigo porque eu era comunista.*

Quando li a notícia nos jornais, fiquei ainda mais contente de lhe ter prestado homenagem em A volta ao dia... Porque eu, mesmo que ele esteja cada vez mais cego frente à realidade do mundo, continuarei a ter à distância essa relação de amizade que nos consola de tantas tristezas. Receio que essa posição não seja percebida pelos que cada vez mais pretendem que o escritor seja como um tijolo, com todas as arestas à vista, o paralelepípedo maciço que só pode ajustar-se a outro paralelepípedo. Nunca tive jeito para fazer paredes, gosto mais de deitá-las abaixo».

Julio Cortázar nunca pertenceu ao género de escritores que, por preconceitos ou por insuficiência de meios literários, fecha com pudor a porta quando as suas personagens entram no quarto, partindo do princípio de que ninguém precisa de explicações porque todos fazem o mesmo na cama. Ele sabia que ninguém o faz da mesma maneira.

Assim dizia que *«o subdesenvolvimento da expressão linguística no que respeita a libido torna quase sempre em pornografia toda a matéria erótica extrema».* [...] *«O medo continua a desviar a agulha dos nossos compassos; em toda a minha obra nunca fui capaz de escrever a palavra c... que pelo menos em duas ocasiões me fez mais falta do que os cigarros».*

Quando não encontra as palavras inventadas com genialidade como em *Rayuela*, onde um capítulo é escrito em glíglico, a língua inventada por Horácio e Maga, onde descreve o coito num ritmo compassado e crescente que descrevem muito mais do que se tivesse utilizado palavras cruas.

«Apenas ele lhe amalava o noema, a ela agolpava-se-lhe o clémiso e caíam em hidromurias, em selvagens ambonios, em sustalos exasperantes... Tremia o troc, venciam-se as marioplumas, e tudo resolvia-se num profundo pínice, em niolemas de argutendidas gasas, em carícias quase cruéis que os ordopenavam até o limite das gunfias».

No *Livro de Manuel*, o escritor põe na boca da sua personagem Marcos palavras que podiam ser suas: *«Nós f---, eu e tu f---, quando leio por aí que as pessoas acasalam ou copulam pergunto-me se é gente como nós ou se têm privilégios especiais».*

No entanto só utiliza essa linguagem quando se fala de assuntos eróticos, reservando para as passagens de sexo uma poética alusiva, cheia de expressões directas bem medidas e nunca vulgares. Cortázar dá à união dos corpos a dignidade duma cerimónia. Para ele o erotismo era *a maneira de dar ao corpo as qualidades do espírito.*

Poderia dizer-se que cada uma delas corresponde a um momento da sua evolução intelectual, pessoal e política.



Os livros de Cortázar inspiraram muito filmes sendo *Blowup*, de Michelangelo Antonioni, mais conhecido internacionalmente.

Aurora Bernárdez é uma mulher fina, culta, delicada, sensível e que encaixa perfeitamente com o período em que Cortázar deixa a Argentina alegando que o peronismo não o deixa escutar Bela Bartók. É a ela que deixa a sua herança literária, na certeza de que nunca se desviará do caminho por ele traçado, e a quem chama para que o acompanhe nos últimos momentos no seu leito de morte. É também Aurora que o leva a enterrar no túmulo que ele tinha desenhado para Carol e que, tal como ele pediu, manda pôr o caixão por cima do da sua última mulher.

Ugné Karvelis, a lituana que editara a sua obra na Gallimard e com quem viveu uma década em Paris, é em tudo oposta a Aurora. É temperamental, vulcânica, sensual, bebedora, expansiva e tem uma voz rouca e grave de fumadora. É ela que, muito politizada, leva Cortázar a Cuba, o faz interessar-se pelas lutas latino-americanas, em particular a revolução de Fidel, e lhe desencadeia o mecanismo da consciência política.

Carol Dunlop era uma mistura das outras duas. Jovem, canadiana, delicada, bonita, sensí-

vel, é também escritora e fala sempre em voz baixa. Carol adoece numa das viagens à Nicarágua. Dois meses mais tarde, rodeada do carinho dos amigos mais íntimos, morre nos braços do marido, que a segue dois anos depois. No *Post Scriptum* do livro de Carol que ele acaba, lê-se toda a ternura dum homem que sofre sem deixar de lembrar-se que a dor nunca será mais forte do que a vida que ela lhe ensinou a viver.

Haveria tanto mais para contar sobre Cortázar, os seus livros, os seus amigos, os muitos filmes que os seus escritos inspiraram — *Blow-up* foi o mais conhecido internacionalmente —, a sua indiferença pelo mundo vegetal e a fascinação pelos animais, nos quais descobria afinidades e semelhanças, chegando a considerar o gato como o seu animal totémico. Creio que a melhor maneira de resumir Cortázar, pelo menos a sua obra, é citando uma frase dum dos seus tantos amigos e que nos toca mais directamente. Diz que nele encontrou o que procurava noutros autores: abrir uma porta e passar para o outro lado do quotidiano.

CRONOLOGIA

- 1914 26 de Agosto, nasce em Bruxelas. O pai era adido da Embaixada Argentina na Bélgica, onde vivem durante o tempo que dura a 1ª Guerra Mundial.
- 1918 A família Cortázar volta a Argentina quando acaba a missão diplomática do pai. Passa a sua infância em Banfield, nos arredores de Buenos Aires.
- 1932 Acaba o curso de professor primário na Escola Mariano Acosta.
- 1937 Licenciado em letras, começa a trabalhar como professor nas cidades de Bolívar e Chivilcoy.
- 1938 Com o pseudónimo de Julio Denis publica uma recolha de poemas chamado *Presencia*.
- 1944 Instala-se em Mendoza, onde dá aulas de literatura na Universidade de Cuyo.
- 1945 Tendo o governo peronista intervencionado a universidade, Cortázar renuncia como forma de protesto. Começa a trabalhar em Buenos Aires na Camara do Livro.

- 1946 Publica o conto *Casa tomada* na revista *Los Anales de Buenos Aires*, dirigida por Borges.
- 1947 Na mesma revista aparece o conto *Bestiario*.
- 1949 Publica o poema dramático *Los reyes*, primeira obra assinada com o seu nome. Colabora em revistas culturais como *Cabalgada*, *Realidad*, *Sur*.
- 1951 Viaja a Paris com uma bolsa. É tradutor da Unesco. Publica *Bestiario* (contos) em Buenos Aires.
- 1952 Em *Buenos Aires Literaria* aparece o conto *Axolotl*.
- 1953 Casa com Aurora Bernárdez, tradutora argentina.
- 1954 *Buenos Aires Literaria* publica *Torito*.
- 1956 No México publica-se *Final del juego*, contos. Traduz as obras em prosa de Edgar A. Poe.
- 1958 Publica-se em Buenos Aires *Las armas secretas*, contos.
- 1959 Aparece a seu primeiro romance, *Loa premios*.
- 1962 *Historias de cronopios y de famas* e *Algunos aspectos del cuento*. Viaja para Cuba e apoia a revolução.
- 1963 Sai *Rayuela*. Publica *Una flor amarilla* na *Revista de Occidente* de Madrid e *Descripción de un combate* em *Eco Contemporáneo*. Faz parte do júri do premio Casa de las Américas.
- 1965 Aparece *Reunión* em Buenos Aires e *Instrucciones para John Howell*, em *Marcha* de Montevideo, Uruguai.
- 1966 *Todos los fuegos el fuego*, livro.
- 1967 Publica um livro de ensaios, relatos e poesias: *La vuelta al día en ochenta mundos*. Viaja a La Habana. Richard Allen, da Universidade de Houston, apresenta no XIII Congresso de Literatura Ibero-americana realizado em Caracas um estudo sobre «Temas e técnicas do atelier de Julio Cortázar».
- 1968 *Buenos Aires, Buenos Aires*, e *62 Modelo para armar*. Conhece Mario Benedetti.
- 1969 *Último round*
- 1970 Aparece *Relatos*, recolha de contos já publicados, e *Viaje alrededor de una mesa*. Viaja com a sua segunda mulher, Ugné Karvelis, para a tomada de posse de Salvador Allende, no Chile.
- 1971 *Pameos y Meopas* (volume de poemas).
- 1972 *Prosa del observatorio*.
- 1973 Publica o romance *Libro de Manuel*, cujos direitos de autor revertem a favor dos presos políticos na Argentina. Com esse livro ganha o prémio Médicis, outorgado à melhor obra estrangeira publicada em França. Viaja para a Argentina no período eleitoral.
- 1974 *Octaedro*. Viaja para os Estados Unidos para a reunião do Pen Club e do Center for Inter-American Relations.
- 1975 Aparece *Fantomas contra los vampiros multinacionales*, *Antología y Silvalandia*. Viaja ao México para participar na Comissão Internacional de Investigação dos Crimes da Junta Militar do Chile. Viaja para os Estados Unidos, onde a Universidade de Oklahoma lhe presta homenagem.
- 1976 Faz parte do projecto *La prensa literaria centroamericana*. Viaja para a Nicarágua.
- 1977 *Alguien anda por ahí*.
- 1978 Viaja para a Martinica.
- 1979 Separa-se de Ugné Karvelis, de quem continua muito amigo. Casa com Carol Dunlop, a sua terceira mulher. Viaja para a Nicarágua e começa a apoiar a revolução sandinista. Conhece em Panamá o governante Omar Torrijos.
- 1980 Ensina na Universidade de Berkeley, California. Publica *Queremos tanto a Glenda*.
- 1981 Obtém a nacionalidade francesa. Tem deser internado por uma hemorragia gástrica. Diagnosticam-lhe leucemia.
- 1982 Morre Carol Dunlop. Publica *Deshoras*.
- 1983 Publica *Los autonautas de la cosmopista*, escrito em colaboração com Carol Dunlop e ilustrado por Stephane Herber, filho de Carol. Oferece os direitos de autor à causa sandinista, movimento a que a mulher aderira. Viaja para Nicarágua e Buenos Aires para visitar a mãe. Publica *Nicaragua tan violentamente dulce* e *Negro el diez* (poesia).
- 1984 Viaja para a Nicarágua, onde recebe a Ordem de la Independencia Cultural Rubén Darío. Morre em Paris a 12 de Fevereiro.
- OBRAS PÓSTUMAS:
- Em 1984:
Alto el Perú, Salvo el crepúsculo, Argentina: años de alambrados culturales.
- Em 1986:
Divertimento (escrito em 1949) e *El examen* (escrito em 1950).
- Em 1991:
Juegos de palabras, teatro.
- Em 1994:
Cuentos completos, com material inédito, publicados por Alfaguara.